

ALTMAN, Breno. *Contra o sionismo – retrato de uma doutrina colonial e racista*. São Paulo: Alameda, 2023. 98p.

Luciana Salazar Salgado¹

Universidade Federal de São Carlos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1052-0726>

“Este é um livro de combate”.

Depois do Expediente e do Sumário, assim se inicia a Nota explicativa que abre uma sequência de ensaios historiográficos reunidos, “como se dizia antigamente, em um opúsculo.” (p. 7)

Expediente, Sumário, Nota explicativa são partes pragmáticas de um livro impresso que dão a ver o que faz de um livro o livro que ele é. Para os estudiosos da edição, aí já está constelado o bom combate, em todo livro que se publica. Mas no caso desse *instant book*, termo editorial para designar um livro-relâmpago, o combate é sua razão de ser: foi produzido no calor de um imenso rumor público para participar dele, para intervir nele.

Contra o sionismo – retrato de uma doutrina colonial e racista é o título sustentado pela figura do autor para a qual aponta, a do jornalista Breno Altman, conhecido por sua clareza meridiana nas análises políticas. O livro foi feito em poucas semanas, entre a ação do Hamas em 7 de outubro de 2023 e a Flipei – Festa Literária Pirata das Editoras Independentes iniciada em 22 de novembro, quando ainda era vizinha da Flip – a Festa Literária Internacional de Paraty. Cada um destes elementos constitui essa obra na medida em que inscrevem sua materialidade num circuito que, ao fim e ao cabo, nela se inscreverá também.

De fato, os livros, notadamente os impressos, têm essa função de estabilizar sentidos que se perderiam na proliferação volátil do rumor público, em especial nos portais digitais e nas redes ditas sociais, como já foi, noutros tempos, com as notícias de jornal; como se dizia, “o jornal de hoje embrulha o peixe de amanhã”...

¹ Doutora em Linguística. Professora Associada, trabalha no Departamento de Letras da UFSCar. Coordena junto com Prof. Dr. José Muniz Jr., o Grupo de Pesquisa Comunica - inscrições linguísticas na comunicação (UFSCar/CEFET-MG, CNPq). e-mail: lucianasalazar@ufscar.br

Publicar em livro – e marcadamente em livros impressos – é meio caminho andado para que uma ideia se torne força material e funcione como um operador da organização social. De fato, a vida dos livros impressos mostra

tudo o que nossas operações lógicas e paixões religiosas devem a esta fabulosa ferramenta, surpreendentemente duradoura, que venceu a resistência da estela, das tabuinhas e do rolo, e da qual a tela eletrônica não dará cabo em um piscar de olhos, amanhã de manhã: o livro revelou a melhor relação até aqui encontrada entre valores contraditórios do estável e do móvel, da íntegra e da inconstância (como se diz, da relação custo/benefício). (Régis Debray, in Michel Melot 2012, p. 16)

Decerto foi nisso que se fiou o editor, Haroldo Ceravolo Sereza, também diretor de redação do portal jornalístico Opera Mundi, quando propôs a Altman que se fizesse um livro de *lives* (esse gênero discursivo a ser compreendido...). Altman tinha conduzido quatro exposições sucessivas no Programa 20 Minutos, “feitas de improviso, apoiadas em roteiros preparados nas horas que as antecederam” (p.7), dada a urgência com que se supunha necessário posicionar-se diante do ocorrido e, neste caso, mais: dada a urgência com que se entendia ser necessário desfazer certas confusões cultivadas no burburinho intenso, sobretudo a sinonimização entre antissionismo e antisemitismo.

Nesta altura, um ano depois de seu primeiro lançamento, é possível dizer que esse livro, além de contribuir para a dessinonimização dos termos, adquiriu uma força simbólica que sua circulação engendrou. É o que se depreende do processo de que deriva.

Em 7 de outubro de 2023, como sabemos, uma ação do grupo Hamas em território israelense desencadeou como resposta um massacre – hoje reconhecido como um genocídio – de palestinos na Faixa de Gaza, que atingiu depois palestinos na Cisjordânia e afinal levou a investidas em territórios diversos numa intrincada trama regida pelo Estado de Israel, que, entre outras coisas, desdenha de organismos internacionais que condenam esse programa – sistemático e longo – de aniquilação de um povo.

A muitos pareceu crucial qualificar as opiniões emitidas no embate aflito que explodiu na escala exponencial e descontrolada da digitalidade. Esse livro, tal como foi publicado, estabeleceu aí um parâmetro, o que não é pouca coisa num mundo em que grassam fakenews e discursos de ódio, impeditivos do debate, da ponderação, de qualquer pensamento que não se dê como reação imediata, imperativo do atual funcionamento sociotécnico que anima a vida pública das ideias.

Derivados das *lives*, os quatro capítulos do livro se seguem de uma espécie de anexo com sugestões de leitura, no qual se apresentam “dez livros essenciais sobre o sionismo e a Palestina” (p. 94). Há títulos clássicos como *A questão judaica*, de Karl Marx, e produções recentes, como a HQ de Joe Sacco, *Palestina*, e aponta-se como

marco a ser considerado o texto de Theodor Herzl, *O Estado Judeu*, de 1896, que propõe os fundamentos da doutrina sionista, indicado como “uma fonte primária indispensável para entender seus paradigmas.” (p. 94)

No primeiro capítulo, “Faixa de Gaza: a reação de Israel à resistência do Hamas”, o autor se ocupa da história da doutrina sionista, que não se confunde com a história dos judeus em diáspora e que tem elementos econômicos e políticos fortemente ligados à (des)concertação promovida pelo Reino Unido no período da Primeira Guerra Mundial. No segundo capítulo, “O que é Sionismo? ”, essa história dá ensejo a uma espécie de ensaio sobre como as ideias de Herzl vicejaram em dados ambientes e conjunturas, definindo-se como uma “doutrina que vincula supremacia e território, etnia e colonização.” (p. 57)

No terceiro capítulo, “Israel: democracia ou apartheid? ”, o autor parte de algo que frequentemente funciona como um pressuposto – que Israel é a única democracia do Oriente Médio – para discutir o que daí decorreria naturalmente: um apoio incondicional do “ocidente civilizado”; essa ideia de civilidade é posta em xeque à luz dos acontecimentos recentes. No quarto capítulo, “Antissemitismo – verdades e mentiras”, o autor apoia-se no que foi desenvolvido nos capítulos anteriores recorrendo a dados bastante conhecidos da história da diáspora judaica, e mostra como a noção de comunidade se formulou, como os judeus foram se inserindo em diversas sociedades com sua experiência mercantil e, assim, modelando e sendo modelados por imaginários mais ou menos afeitos ao estrangeiro. Finalmente, o autor enuncia o que, segundo suas articulações, produziria uma paz justa e duradoura na região. Lê-se, na quarta-capa, num excerto recolhido da página 92:

A luta implacável contra as ideias e as instituições do apartheid sionista representa o único caminho para construir um futuro democrático, soberano e laico para toda a Palestina, para árabes e judeus, para todos os povos, etnias e crenças da antiga Canaã. Somente assim haverá uma paz justa e duradoura.

E como lutar contra ideias e instituições? Esse é um livro de combate não só porque trata dos tópicos que enumeramos acima, mas porque se assume numa dada condição material, numa espécie de edição de guerrilha muito ciente de sua potência documental. Sereza, o editor, apostou no livro impresso, na sua logística de distribuição, nas balizas semânticas que sua existência material estabeleceria na conversação geral e na sua capacidade de provocar encontros, agregar pessoas, avolumar redes de co-presença. O editor não privilegiou o alcance de milhões que as quatro *lives*, entre tantas outras, pudessem ter, cada um desses milhões assistindo-as em seu tempo próprio, no seu momento multitarefa, ouvindo-as aos pedaços enquanto lava a louça ou passeia com o cachorro... sempre uma experiência customizada e individual. O experiente editor, na sua longa história de publicar temas dignos de debate, sabia que

onde o discurso foi interrompido, o livro o reacomoda. Ele funciona como uma tela de fundo que se aplica nos fragmentos de afrescos que se desencaixaram para consolidá-los e reintegrá-los em um espaço sólido e fechado. A forma do livro preenche os vazios dos discursos, os quais, sem ela, se desintegrariam. (Michel Melot, 2012, p. 48)

Estamos diante de um objeto editorial que é combate na sua forma de ser o objeto que é, com as ideias nele inscritas e para as ideias nele inscritas: o fato de haver um livro impresso cria as circunstâncias de sua vida pública – há lançamentos. E em cada lançamento, a construção de um comum que se dá por conta da palestra, seguida da sessão de autógrafos, com direito a fotos que serão postadas depois em redes individuais e institucionais, numa difusão da experiência vivida.

Aliás, em decorrência disso, ganham vida novamente as tais *lives* (ex-*lives*, que poderiam permanecer como zumbis, à deriva). A força cultivada nos encontros dos mais de 50 lançamentos havidos desde novembro de 2023 incorporou-se, em cada lugar por onde o autor passou, ao que é esse livro, essa materialidade receptiva a novas camadas simbólicas e mercantis, cumprindo funções (inclusive pagar as custas de processos infligidos por detratores).

Por isso importa que tenha sido lançado, de saída, na programação da Flipei, que ainda acontecia à margem esquerda do Rio Perequê-açu em Paraty, num território paralelo ao da Flip, que tradicionalmente ocupa o centro histórico.

Sobre isso, é interessante notar que, embora estivesse na programação da Flipei, onde o livro foi lançado numa mesa composta por Ana Morel, Breno Altman, Mestre Joelson, Jemina Alves e Ariane Martins (vídeo disponível no canal da editora Autonomia Literária), o título também foi lançado no território da Flip, na Casa LIBRE, numa mesa em que Altman ladeou a jornalista Soraya Misleh. Esse livro nasceu cruzando mundos e bulindo com certas fronteiras, fazendo jus à urgência a que respondia.

Desde aí, chegou às capitais de todas as unidades federativas do país e a diversas outras cidades, das quais vinha o convite para o lançamento – de comitês e núcleos de solidariedade à Palestina, de sindicatos, diretórios e centros acadêmicos, associações de profissionais, movimentos organizados, grupos de pesquisa... Espaços que previam encontro: dos organizadores, seus pares, quaisquer interessados que estivessem curiosos. Encontros de conhecidos, por isso acolhedores, promotores da partilha de inquietações; mas também de desconhecidos, por isso pedagógicos, integradores. Sedes institucionais, anfiteatros, teatros, bares, botecos... Autor e livro rodaram o Brasil e, com esses encontros, deram margem a novas redes de cooperação, iniciativas políticas, reuniões criativas.

O que referimos acima por edição de guerrilha se deu na sua melhor forma: era preciso dizer logo o que se entendia necessário dizer, e era preciso dizê-lo em configuração de encontro – e nada melhor que um festejo literário duplo, ambivalente, fortemente politizado e também midiaticizado, como o que a Flipei impunha à Flip.

Sobre a potente edição de guerrilha, saliente, ainda, dois aspectos técnicos sustentadores do gesto de combate que hoje sabemos ter sido tão bem-sucedido: i) sobre a confecção da capa, ii) sobre o tratamento do texto.

Quanto à capa, numa crueza de opúsculo ou de fanzine, é uma artesanaria digital feita em poucos minutos num dos *templates* de um aplicativo bastante popular na produção de *cards* e congêneres. No Expediente, lê-se: "Capa: Arte produzida utiliza o site Canva.com".

O que poderia ser considerado sem refinamento ou sem apuro foi simplesmente um gesto de sucesso: por onde vai, o livro é anunciado por cartazes feitos dessa capa simples. Numa espécie de acordo tácito, todos os que organizam lançamentos vão tomando a capa do livro como ícone de um movimento. Raramente foi estilizada, quase sempre foi reproduzida em tamanhos variados sem se decompor. Em poucas cores sólidas, a capa declara a que veio o livro: letras garrafais para o manifesto no título – Contra o Sionismo –; o subtítulo delimitador do que dá sustentação a esse manifesto – retrato de uma doutrina colonial e racista –; o nome do autor, o conhecido jornalista das *lives*, Breno Altman – um nome judaico, ingrediente forte em termos de posição enunciante desse manifesto; a sugestão de uma estrela de Davi, incompleta, pouco franca; o sangue que escorre anunciando o entendimento que se tem dos acontecimentos; o conhecido logo da editora, a ciclista a trafegar pelo mundo na sua leveza ligeira. Não é preciso dizer mais nada. Eis uma capa que jamais ganharia qualquer prêmio tradicional, talvez jamais fosse sequer qualificada para concorrer por razões técnicas que, no entanto, nessas circunstâncias, são o que há de mais certo, mais útil, na justa medida.

Quanto ao texto, que tem a cadência de uma fala, mas não é oralidade informal, passou por um processo que dá o que pensar em termos da relação língua e tecnologias, e da relação disso com a autoria.

Não havia tempo para uma transcrição profissional, era preciso lançar esse título na ocasião que o ambiente político combativo da Flipei configurava. Assim, extraiu-se o material das *lives* transcrito automaticamente pela ferramenta do Youtube, e ele foi entregue a um revisor que devia dar tratamento a um texto com problemas de transliteração de nomes próprios, corte de palavras, sílabas duplicadas ou suprimidas, sem paragrafação nem pontuação... um texto?

Quando vemos um pequeno excerto do material que se pode extrair com essa ferramenta, nos perguntamos: é texto?

[Música] [Aplausos] [Música]

Bom dia hoje é 17 de outubro de 2023 está começando mais uma edição do programa 20 minutos análise não é possível compreender a história e a natureza do Estado de Israel e sua relação com o povo palestino sem levar em conta a doutrina que rege seus passos sem levar em conta a doutrina que rege os passos do Estado de Israel o sionismo o sionismo é essa doutrina ao contrário contrário do que muita gente acha não é a religião Judaica que determina a natureza do Estado

de Israel mas uma corrente político-ideológica fundada em 1892 pelo jornalista Húngaro Theodor herzel autor do livro O Estado judeu a expressão sionismo foi usado foi utilizada pela primeira vez pelo escritor austríaco Nathan birnbaum e remete ao Monte Zion a portugues AD Monte Sião uma das Colinas de Jerusalém onde se encontrava no passado bíblico o Templo de Salomão Monte Sion sionismo a tese central do sionismo era criar um país como o título deixa Claro no livro de herzel que abrigasse o povo judeu espalhado pelo mundo Desde o ano 70 depois de Cristo quando o império romano destruiu Jerusalém e começou a chamada segunda diáspora a primeira diáspora tinha acontecido no ano 587 AES de crist quando o império babilônico comandado por Nabuco donosor I invadiu o reino de Judá e deportou os judeus para a Mesopotâmia para a própria Babilônia na verdade esse Êxodo eh judaico tinha começado até antes em 722 antes de crist quando o reino de Israel ao Norte do reino de Judá foi destruído pelos assírios portanto os judeus depois do ano 70 depois de Cristo quando o império romano destrói Jerusalém vão para a diáspora saem da que da região que hoje é a Palestina que também os romanos chamavam de Palestina e se destinam a um sem número de países a opinião de herzel de criar um lar judaico de criar um estado judeu não era um consenso na diáspora Judaica que se concentrava na Europa especialmente em sua porção oriental muitos grupos judaicos eram integracionistas isso é defendiam que as suas comunidades existissem incorporadas aos países para os quais seus antepassados tinham emigrado mesmo que mantendo suas tradições crenças religiosas e até mesmo o seu idioma naquela época entre os judeus da diáspora predominava o Ldis como língua um dialeto derivado do Alemão arcaico [...]

Que trabalho é esse que faz o revisor? Dá tratamento editorial a essa massa informe, torna-a legível, de modo que o autor possa, afinal, ler e, então, estabelecer uma versão pública, e essa, sim, possa ser revisada.

Do ponto de vista linguístico, há muito a pensar aí. De saída, o quanto língua oral e língua escrita são códigos languageiros distintos, cujas relações arbitrárias são frequentemente tidas como um continuum, mas não são, pois a vida da língua gráfica faz caminhos que a língua falada não tem como fazer, e vice-versa. Como estabelecer o que vai ser lido a partir daquilo que foi falado? Eis aí uma grande questão.

Questão que abre para outras, entre as quais estão algumas que nos levam à autoria. Não há dúvida de que o autor desse título é Breno Altman, mas o interessante é pensar no que faz essa autoria ser o que é, com seus escribas adjuvantes, todos os atores de um processo que erige as panóplias com as quais o palestrante combate, vai a tantos lugares falar, ouvir, garantir que os dizeres se encontrem, se remontem, se avolumem...

[...]

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(João Cabral de Melo Neto, 1966, p. 345)

Esse livro é um combate também porque em sua forma material, desde o seu processo de preparo, antecipa e explicita a dimensão coletiva da luta, que sempre se dá inscrita nos tecnomas das materialidades convocadas para difundir suas diretrizes.

Esse livro é um objeto desconcertante e reconfortante justamente porque trata do tema que trata do modo como o faz, e nos confronta, estudiosos da condição humana que somos, com o fato incontornável de que todo caminho se faz caminhando junto – com quem?

Referências

ALTMAN, Breno. **Contra o sionismo** – retrato de uma doutrina colonial e racista. São Paulo: Alameda, 2023. 98p.

MELO NETO, João Cabral de. Educação pela Pedra, in **Obra completa**: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira)

MELOT, Michel. **Livro**. Trad. Marisa Midori, Valéria Guimarães. Cotia: Ateliê Editorial, 2012. (Coleção Artes do Livro).

Recebido em 06/12/2024

Aceito em 26/12/2024